



LINGUÍSTICA E LITERATURA: UM ESTUDO DO TEXTO LITERÁRIO COMO UMA FORMA COMPLEXA DO DISCURSO

Autora: Kedilen Dutra da Silva Botelho (BIC-PRAE UFRGS)
Orientadora: Profa. Dra. Carmem Luci da Costa Silva

INTRODUÇÃO

O presente estudo é oriundo de inquietações acerca das relações de semelhança e de diferença, em termos de enunciação, entre textos de ordem cotidiana e textos de ordem literária. Nesse sentido, elegemos a perspectiva da teoria da linguagem de Émile Benveniste, por situar o sentido, o homem e a enunciação no centro de sua reflexão, para abordar tais relações.

OBJETIVOS

Objetivo geral [ordem teórica] e específico [ordem metodológica]: busca de resposta para a questão *como o texto literário pode ser concebido e analisado à luz da teoria da linguagem benvenistiana?*

REFERENCIAL E DESLOCAMENTOS TEÓRICOS

- **Base teórica:** Reflexões sobre *linguagem, língua e discurso* em *Problemas de Linguística Geral I e II* de Émile Benveniste e sobre *transversalidade enunciativa* (FLORES, 2013).
- **Enunciação:** ato individual de atualização da língua em discurso.
- **Discurso:** produto da enunciação; o texto literário é concebido, no estudo, como discurso oriundo do ato enunciativo.
- **Formas complexas do discurso:** textos e obras.
- **Linguagem ordinária:** aquela utilizada no cotidiano, a saber, o emprego usual da *língua*.
- **Linguagem poética:** aquela que salienta a unicidade da organização das formas no discurso; acentua a transversalidade enunciativa e tenciona a relação forma e sentido.
- **Transversalidade enunciativa:** enunciação é transversal à língua, portanto, o sentido global do discurso mobiliza todos os níveis da análise.

RECORTES ENUNCIATIVOS

Recorte enunciativo 1

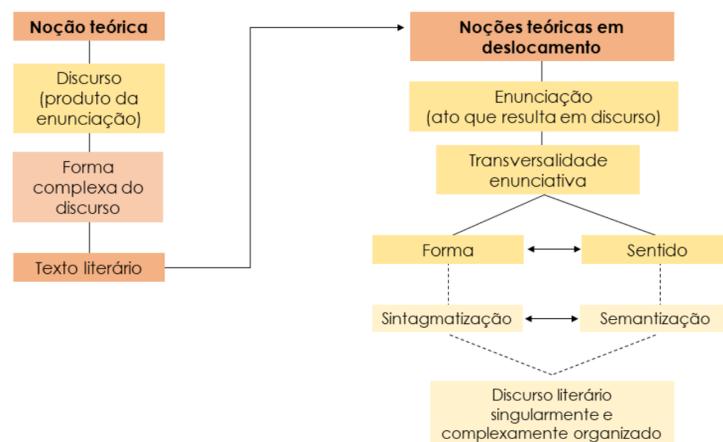
1. G1: / ciência e saúde / psicologia
2. *O amor é realmente cego, comprovam cientistas dos Estados Unidos*
3. *Apixonados tendem a não reparar em outras pessoas atraentes ao seu redor. É como se o sentimento*
4. *servisse de tapa-olho, diz pesquisadora.*

Recorte enunciativo 2

1. Para que referir tudo no narrar, por menos e menor? Aquele encontro nosso se deu sem o razoável comum,
2. *sobrefalseado, como do que só em jornal e livro é que se lê.* Mesmo o que estou contando, depois é que
3. eu pude reunir relembro e verdadeiramente entendido – porque, enquanto coisa assim se ata, a gente sente
4. mais é o que o corpo a próprio é: coração bem batendo. Do que o que: o real roda e põe diante. – “Essas
5. são as horas da gente. As outras, de todo tempo, são as horas de todos” – me explicou o **compadre meu**
6. **Quelemém.** Que fosse como sendo o trivial do viver feito uma água, dentro dela se esteja, e que tudo ajunta
7. e amortece – só rara vez se consegue subir com a cabeça fora dela, feito um milagre: peixinho pediu. Por
8. quê? Diz-que-direi ao senhor o que nem tanto é sabido: sempre que se começa a ter amor a alguém, no
9. ramerrão, o amor pega e cresce é porque, de certo jeito, a gente quer que isso seja, e vai, na idéia, querendo
10. e ajudando; mas, quando é destino dado, maior que o miúdo, a gente ama inteiriço fatal, carecendo de que-
11. rer, e é um só facear com as supresas. Amor desse, cresce primeiro; brota é depois. Muito falo, sei; ca-
12. ceteio. Mas porém é preciso. **Pois então. Então, o senhor me responda:** o amor assim pode vir do demo?
13. Poderá?! Pode vir de um-que-não-existe? Mas o senhor calado convenha. **Peço** não ter resposta; que, se
14. não, minha confusão aumenta. (ROSA, 2015, p. 122-123, grifos nossos)

METODOLOGIA

Corpus: fatos enunciativos de natureza ordinária (notícia) e literária (**Grande Sertão: Veredas**, Guimarães Rosa).
Procedimentos de análise: abordagem qualitativa.



Esquema 1: noções teóricas e deslocamentos que orientam o estudo.

RESULTADOS

Os resultados sugerem que o texto literário pode ser entendido como *uma das possíveis formas complexas do discurso*, porque entendemos essa complexidade de formas como sendo os textos e as obras pelo homem produzidas para criar efeitos estéticos e, por isso, envolvem complexas relações entre forma e sentido de todos os níveis da análise linguística.

Tal *complexidade* dá-se pela unicidade/singularidade da organização das formas, pois o locutor de textos literários mobiliza toda a língua buscando engendrar sentidos inusitados ao integrar formas de diferentes níveis de modo distinto do uso cotidiano. Com isso, reinventa a própria língua e se marca singularmente como locutor em modos próprios de dizer.

Logo, os limites do reconhecimento das formas no domínio do signo (no semiótico) são colocados em tensão no momento de compreensão dessas formas, complexamente organizadas no discurso (no semântico). Tal fato convoca o leitor trabalhar com a própria língua.

Assim, este trabalho espera contribuir com os estudos da teoria da linguagem benvenistiana, ao formular uma noção de texto literário à luz dela; com os estudos literários, ao transpor uma perspectiva de análise linguística para o texto literário; com a educação linguística e literária, ao encadear teoria e análise e, de tal modo, fornecer subsídios para a leitura e o estudo de textos em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, É. (1963). **Problemas de Linguística Geral I**. 4ª edição. Campinas: Pontes, 1995.
- BENVENISTE, É. (1967, 1968, 1970) **Problemas de Linguística Geral II**. 2ª edição. Campinas: Pontes, 2006.
- FLORES, V. N. *O que seria uma gramática da enunciação? A proposta de uma análise transversal*. In: **Letras & letras: revista do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia**. Vol. 29, n. 1, 2013.
- ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. 21ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- O amor é realmente cego, comprovam cientistas dos Estados Unidos**. G1, 2008. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL297771-5603,00.html>. Acesso em: 03 de agosto de 2019.